

## AGOSTINHO NETO E XANANA GUSMÃO: POEMAS DA PRISÃO

*AGOSTINHO NETO AND  
XANANA GUSMÃO: POEMS  
FROM PRISON*

**Hérica Pinheiro<sup>1</sup>**  
(UC)

**RESUMO:** A colonização portuguesa em Angola e a invasão indonésia em Timor-Leste motivaram a necessidade de manifestar a denúncia da opressão e a busca pela emancipação pela via poética, o que resultou na conexão entre arte e política presentes na poesia militante de Agostinho Neto e Xanana Gusmão. Comprometidos com suas gentes e seus sentimentos mais profundos, ambos combateram em duas frentes: enquanto líderes revolucionários e poetas engajados na construção de um espaço social livre e justo. Sujeitos de dramas políticos distintos,

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Doutoranda em Literatura de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Caixa Postal 45640-340, Verride – Coimbra, Portugal. E-mail: hericajorgepinheiro@gmail.com

a prisão não foi suficiente para cessá-los. A palavra representou um de seus instrumentos de luta e nela projetaram a mudança, estabelecendo uma relação intrínseca entre o pensar e o agir. Seus poemas, produzidos no contexto prisional, evidenciam o caráter insubmisso, doloroso e libertário dos versos, que se afirmaram não como simples necessidade estética, mas sim como uma reflexão consciente e crítica acerca do sistema de dominação. Agostinho Neto e Xanana Gusmão negaram o isolamento ao reverberar uma poesia ativa e racional na convicção de um futuro aguardado sob perspectiva do presente, permitindo a transformação dos anseios em realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Angola, Timor-Leste, poesia, prisão, resistência, língua portuguesa.

**ABSTRACT:** The Portuguese colonization in Angola and the Indonesian incursion in Timor-Leste caused the need to report the oppression and the pursuit for emancipation through a poetic way, which resulted in the connection between art and politics present in the militant poetry of Agostinho Neto and Xanana Gusmão. Committed to their people and their deepest feelings, they struggled on two fronts: as revolutionary leaders and poets committed to build a free and fair social environment. Subjected to different political dramas, the arrest was not enough to stop them. The word represented one of their instruments of struggle, projecting the change and establishing an intrinsic relationship between thinking and acting. Their poems, produced in the prison context, revealed the rebellious, painful, and libertarian aspects of the verses, which proved to be not as aesthetic necessity, but as a conscious and critical reflection on the system of domination. Agostinho Neto and Xanana Gusmão denied their isolation by reverberating active and rational poetry with the conviction of a coming future from the perspective of the present, allowing the transformation of longings into reality.

**KEY WORDS:** Angola, East Timor, poetry, prison, resistance, Portuguese language.

*Um grito de dor é sinal da dor que o provoca. Mas um canto de dor é simultaneamente a própria dor e outra coisa diferente da dor.*  
Jean Paul Sartre

Diante da colonização portuguesa em Angola e a invasão indonésia em Timor-Leste, Agostinho Neto e Xanana Gusmão assumiram uma posição, tomaram partido e aceitaram os riscos e as consequências. A prisão não foi suficiente para cessá-los. Transcenderam as paredes e laboraram uma poesia engajada, consciente no anseio por justiça e libertação dos seus povos. Sujeitos de dramas políticos distintos, definiram-se em face aos seus contextos, exprimindo um estado de alma em que a palavra representou um de seus instrumentos de luta. Através dela, projetaram a mudança, confirmando o papel do intelectual:

(...) o intelectual age com base em princípios universais: que todos os seres humanos têm direito de contar com os padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou das nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas e combatidas. (SAID, 2005, p. 25-26)

Como autores engajados, Agostinho Neto e Xanana Gusmão estabeleceram uma relação intrínseca entre o pensar e o agir. Assim, evidenciaram uma função social da poesia, voltada para uma práxis revolucionária, com compromisso com a sociedade. Portanto, a análise que faremos é acerca de quatro poemas produzidos no contexto prisional, em que a escrita evidenciou, na reflexão da realidade da época, uma consciência crítica e inconformada.

## **Agostinho Neto**

No que implica a conexão entre arte e política, a resistência, conceito originariamente ético, e não estético, esteve presente na

literatura produzida durante as lutas por independência. Agostinho Neto (Kaxikane, Angola, 1922; Moscovo, 1979) presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, e primeiro Presidente da nação angolana, foi um autor de ação, “cuja vida foi inteiramente dedicada à luta pela libertação de Angola e à construção de uma nação africana forte e independente” (Chabal, 2014, p. 65). Mesmo preso por diversas vezes, Neto<sup>2</sup>, dentro da prisão, escreveu uma poesia castiça, patriótica na exaltação da revolução, refletindo sobre o sistema colonialista de dominação, a negritude, a violência e a ânsia por liberdade. De acordo com Patrick Chabal, “uma parte substancial (se não a vasta maioria) dos poemas que escreveu no período de 1947-1962 foram igualmente escritos na prisão ou sob prisão domiciliária, isto é, sob condições muito específicas de reclusão que o levaram inevitavelmente a refletir na sua situação pessoal e nos seus compromissos políticos” (2014, p. 66).

Fanon nos indica que o colonialismo “por uma espécie de perversão da lógica, orienta-se para o passado do povo oprimido, distorce-o, desfigura-o e aniquila-o” (2015, p. 212). Da mesma forma que busca manipular que a partida do colono significa, para o colonizado, “o retorno à barbárie, ao aviltamento e à animalização” (2015, p. 215). Assim, a colonização além de empenhar-se em convencer o dominado da sua inferioridade, tenta apagar o passado, deturpando a história anterior à dominação. Neste sentido, em contextos injustos, como o sistema colonial, Said (2003) nos esclarece que não há qualquer fórmula ou grande teoria para aquilo que o intelectual possa fazer, inventam-se metas, elaboram-se hipóteses de situações melhores desde fatos conhecidos, históricos e sociais, ajudando a criar as condições sociais para a produção coletiva de utopias realistas. Este processo é evidente no poema “Havemos de voltar”<sup>3</sup>, escrito em outubro de 1960, na cadeia do Aljube em Lisboa, o qual demonstra a esperança de Agostinho Neto na crença nas tradições angolanas ante o sistema colonial, em favor da independência:

Às nossas terras  
vermelhas de café  
brancas de algodão  
verdes dos milharais  
havemos de voltar

às nossas minas de diamantes  
ouro, cobre, de petróleo

Para Pires Laranjeira, os últimos poemas (de 1960), de Agostinho Neto apontam “para o retomar da posse da terra e das riquezas pelos próprios angolanos” (2014, p. 159), como demonstra “Havemos de voltar”. O poema também aborda os valores da cultura sob a perspectiva dos rituais, da recriação da oralidade, na valorização de termos e expressões das línguas locais. O léxico e a prosódia realçam o ritmo de uma “poesia enquanto arma na luta dos povos africanos, para afirmar a originalidade, dignidade e beleza das culturas africanas” (Burness, 2015, p. 226), a destacar o retorno e a preservação de aspectos culturais relevantes:

À frescura da mulemba  
às nossas tradições  
aos ritmos e às fogueiras  
havemos de voltar  
À marimba e ao quissangue  
ao nosso carnaval  
havemos de voltar

Analisando estruturalmente, Adedeji Omoteso (2014, p. 475), comenta que o poema é um canto profético, cheio de repetição de itens verbais e lexicais idênticos, como anáfora e aliteração, que aumenta a musicalidade do poema. “Havemos de voltar” é um entre outros poemas compostos por Neto que se tornaram canções de esperança para a libertação, inspirando os angolanos, sobretudo, os

membros dos movimentos de libertação, especialmente o MPLA, na luta armada contra os imperialistas.

A repetição do verso “Havemos de voltar” e a conjugação do verbo na primeira pessoa do plural, situa o angolano como um povo exilado do seu próprio território. Entretanto, ecoa um chamado que reforça o caráter coletivo do poema, servindo de instrumento a impulsionar rumo à liberdade, numa espécie de utopia realista que permita ser possível “voltar” à nova vida:

À bela pátria angolana  
nossa terra, nossa mãe  
havemos de voltar  
Havemos de voltar  
À Angola libertada  
Angola independente

Agostinho Neto descreve o passado como indica Fanon: “com a intenção de abrir o futuro, de convidar à ação, de fundar a esperança. Mas, para assegurar a esperança, para lhe dar densidade, é preciso participar da ação, comprometer-se de corpo e alma no combate nacional” (2015, p. 238). Como intelectual colonizado, Neto reivindica uma cultura nacional reconhecendo que o seu “passado não era de vergonha, mas de dignidade, glória e solenidade (Fanon, 2015, p. 205). Ao evocar um futuro promissor, o poeta expõe uma forma de memória que não permite que a consciência ignore a realidade ou fique adormecida, pois há um anseio pelo direito à pátria independente. Sendo assim, “Havemos de Voltar” é a expressão viva das aspirações dos oprimidos na reivindicação de uma Angola para ser mostrada em todo o seu esplendor.

A colonização portuguesa em Angola fomentou na poesia de Agostinho Neto a negação da subserviência, a destacar um caráter insubmisso, doloroso, porém libertário, como em “Aqui no cárcere”<sup>4</sup>. O poema foi escrito na cadeia da PIDE de Luanda,

também em 1960, ano que, segundo Donald Burness, Neto produziu “poemas de combate. O poeta fala da luta iminente. Um sentimento de impaciência e agitação está presente” (2014, p. 234):

Aqui no cárcere  
eu repetiria os heróis  
alegremente cantasse  
as canções guerreiras  
com que o nosso povo esmaga a escravidão

Com repulsa à escravidão, há no poema uma preocupação de instigar à prática revolucionária coletiva, envolvendo um sentimento de importância da cultura nacional. Sendo assim, o cárcere não impede a expectativa projetada para um futuro promissor, pois os versos carregam um desejo real de construção de uma nova realidade, em que o sujeito poético, encarcerado, ratifica a sua fé na própria luta:

Aqui no cárcere  
a raiva contida no peito  
espero pacientemente  
o acumular das nuvens  
ao sopro da História

Mesmo escrito dentro da prisão, o poema transfigura a realidade do aprisionamento em esperança. O verso “espero pacientemente” conjuga um desejo real de libertação do povo. A palavra “pacientemente” não é uma conformação, pois está alicerçada numa esperança ativa. Havendo uma articulação de pensamentos fundamentada na luta por mudanças concretas, para o surgimento de um novo capítulo da História. Visando à nova sociedade, os últimos versos encerram com um otimismo político<sup>5</sup>:

Ninguém  
Impedirá a chuva.

Os dois poemas “Havemos de voltar” e “Aqui no cárcere”, entre outros escritos nas prisões do fascismo português, estão inclusos na obra *Sagrada Esperança* (1974), que reúne textos de 1945 a 1960. No desejo por justiça e independência, Agostinho Neto nos apresenta não só uma esperança que possui o explícito desejo de ser realizada coletivamente, como expõe-se fomentador dessa esperança realista e transformadora. Para Pires Laranjeira o verso fulcral do poema “sou aquele por quem se espera” que abre a obra *Sagrada Esperança* não só diz:

sobre todos “aqueles” que estavam prontos para servir os outros num ideal para o coletivo – “sou aquele por quem se espera” -, podendo “ser” qualquer popular empenhado na defesa de uma nova pátria, a angolana, como também um dizer sobre ele próprio - Neto – “aquele” por quem se podia esperar, por quem se esperava, que podia esperar ser o móbil e o mobilizador, ativador das esperanças, já não “místicas”, mas realistas e reais, o líder político, o líder da liderança política (2014, p. 164-165).

Neto foi o líder político e poeta que impulsionou o povo angolano rumo à liberdade. Capaz de despertar esperanças realistas, cantou a revolução consciente do seu papel revolucionário, e dos seus camaradas, tanto na vida quanto na arte:

Não é por acaso que todos os escritores de Angola estão no MPLA. Estão ou estiveram aqueles que já não existem, aqueles que desapareceram; aqueles que estão vivos estão dentro do MPLA. Esse facto é significativo porque a literatura em Angola, e podemos entender um pouco mais dizendo a arte em Angola, esteve sempre ao serviço da Revolução (NETO, 1980, p. 15-16)<sup>6</sup>.

A poesia engajada de Agostinho Neto versou sobre as condições de sofrimento não só do homem angolano, bem como dos “negros de todo o mundo”, pois “a virtude do pensador será sempre a de ser capaz de intervir não apenas ao nível local, como também no universal” (Neto, 2000, p. 72). O poeta solidarizou-se com a condição proletária e causas dos oprimidos de um modo geral, justificando o papel da literatura e dos intelectuais: “O Zimbabwe, a Namíbia, o Saara Ocidental, Timor-Leste, não podem deixar de estar na preocupação dos intelectuais afro-asiáticos, como sempre estiveram ao lado dos povos que venceram o colonialismo português” (Neto, 2000, p. 71).

Um dos países citados por Neto, Timor-Leste, logo após a descolonização portuguesa, em 1975, sofreu a invasão do país vizinho, desencadeando 24 anos de guerra em que milhares de pessoas pagaram com a vida o preço da independência. Os intelectuais da União dos Escritores Angolanos colaboraram com a causa timorense e uma das evidências que comprovam esse ato de solidariedade é a publicação da coletânea poética *Enterrem meu coração no Ramelau* (1989), produzida por poetas guerrilheiros conhecidos e anônimos.

## **Xanana Gusmão**

A denúncia da opressão e a busca da emancipação, são pontos que Agostinho Neto compartilha com o líder da resistência timorense, também poeta, José Alexandre Gusmão (Manatuto, Timor-Leste, 1946), conhecido por Xanana Gusmão. Comandante das Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor Leste – FALINTIL, braço armado da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente – FRETILIN, Xanana tornou-se o primeiro Presidente da República Democrática de Timor-Leste.

Porém antes da independência, por planejar, apoiar e lutar contra o invasor indonésio, em novembro de 1992, foi capturado e condenado a prisão perpétua, mais tarde comutada para 20 anos e cumprida durante sete, na prisão em Cipinang (Jacarta), Indonésia. Mesmo preso, seguiu assumindo cada vez mais atributos oposicionistas em atividades como a de dizer a verdade diante do poder, numa constante luta pela liberdade de seu povo.

A respeito da prisão, Mia Couto, na época, observou: “para roubar o país a este patriota era preciso roubá-lo do país. Afastá-lo para dentro, para um dentro tão interior que nenhum fora ali chegasse. Adentrado numa cela, Xanana nunca esteve tanto no mundo” (1998, p. 06). A expressão “nunca esteve tanto no mundo” a que o escritor se refere, advém de um dos fatores elaborados por Xanana dentro da prisão, pois lá escreveu *Mar Meu*, coletânea de poemas e pinturas que estabeleceu uma aliança entre reflexão acerca da história do seu povo e poesia engajada politicamente.

No poema “Esperanças rasgadas”<sup>7</sup>, que integra a coletânea, vida e morte partilham o mesmo caminho e delineiam a força e a resistência do povo timorense. Os primeiros versos: “Timor / Jazigo de uma alma”, apontam um nacionalismo construído sob o signo da morte. Como autor engajado imerso numa fase limite, Xanana escreve como elucidada Fanon:

Literatura de combate, literatura revolucionária, literatura nacional. No decurso desta fase, muitos homens e mulheres que antes nunca tinham pensado em fazer obra literária, quando se encontram em situações excepcionais, na prisão, na guerrilha ou em vésperas de execução, sentem a necessidade de proclamar a sua nação, de compor a frase que exprima o povo, de se tornar o porta-voz de uma nova realidade de atos (FANON, 2015, p. 227).

Ao demonstrar uma violência necessária para alcançar a liberdade, apesar das imagens de sofrimentos, em que “viver, é

simplesmente ‘não morrer’. Existir ‘é manter a vida’” (Mbembe, 2014: 284), “Esperanças rasgadas” lateja uma atitude poética de intervenção explícita. Os versos destacam a pulsante imagem do martírio e embalam um profundo sentimento que advém dos anseios sentidos pelo povo:

Timor  
Onde as pessoas  
nascem para morrer  
pela esperança  
em rasgos de dor  
em rasgos de carne  
em rasgos de sangue  
em rasgos de vida  
em rasgos de alma  
em rasgos  
da própria liberdade  
que se alcança...  
com a morte!

A repetição da expressão “em rasgos”, assemelha-se com o que Adedeji Omoteso (2014, p. 474) analisou a respeito do poema “Havemos de voltar”, de Agostinho Neto. Sendo recursos que constituem uma posição ideológica, possuem uma musicalidade a serviço da revolução. A linguagem simples e versos curtos, facilitava aos guerrilheiros entender e cantar o poema com inspiração revolucionária.

Com uma poética instigante na esperança pautada no alargamento da consciência e na invocação de uma solidariedade que sensibiliza a arriscar, “por todo o lado, sustentado por uma fé inabalável no poder das massas e por uma filosofia da vontade – a de se tornar homem entre os outros homens” (Mbembe, 2014, p. 281), “Esperanças rasgadas” atua como um chamado para lutar, libertar-se, ser independente.

Said (2003) considera que o papel do intelectual, de modo geral, é elucidar a disputa, desafiar e derrotar tanto o silêncio imposto, quanto o silêncio conformado do poder, em todo lugar e momento em que seja possível. Xanana Gusmão rompeu o silêncio imposto, em que não só ele foi condenado, bem como os timorenses isolados “pelos métodos extremistas de domínio que foram usados em Timor Leste após a invasão de 1975”<sup>8</sup> (Anderson, 1993). Aprisionado, o poeta “reclama o simples direito de ter um mar, um céu que, sem temor, embale Timor” (Couto, 1998, p. 06), como consta nos versos que abrem a obra *Mar Meu*<sup>9</sup>:

Estou em guerra  
o céu não é meu  
Estou em guerra  
o mar não é meu  
Estou em guerra  
e a vida só se conquista  
com a morte...  
na esperança de recuperar  
O meu mar!

A voz do sujeito poético e do líder revolucionário entrecruzam-se indicando que o sofrimento não detém a luta. Mesmo na condição de subjugado, “não faz questão de dar sentido à sua vida, mas antes ‘de dar sentido à sua morte’” (Mbembe, 2014, p. 284). Um contexto limite, que, para transformar e contrapor à lógica imposta pelo opressor, o oprimido oferta “a morte àquele que jamais se habituou a recebê-la mas sempre a submetê-la a outrem, sem limites e sem contrapartidas” (Mbembe, 2014, p. 279). Sendo assim, “a única maneira de o colonizado regressar à vida é impor, pela violência, uma redefinição de modalidades de distribuição da morte” (2014, p. 280). O que fomenta uma ação emancipadora, como nota Achille Mbembe, ao referir-se aos preceitos de Fanon:

(...) através da violência escolhida mais do que sofrida, o colonizado protagoniza uma reviravolta sobre a si próprio. Descobre que a “a sua vida”, a sua respiração, os batimentos do seu coração são os mesmos do “colono” ou, ainda, que “a pele de colono não vale tanto como uma pele de indígena”. Fazendo isso, ele recompensa-se, requalifica-se e reaprende a valorizar o peso da sua vida e as formas da sua presença no seu corpo, na sua palavra no Outro e no mundo. (MBEMBE, 2014, p. 273)

Xanana Gusmão isolado numa cela, comungou pela sua letra um contexto de martírio, ansiedade e potencialidade revolucionária, a corroborar com “o fato de abrir o horizonte, de levar a luz à sua terra, de se levantar a si próprio e ao seu povo” (Fanon, 2015, p. 238). Constituída por uma estratégia afinada de intervenção política e ideologia, da sua poesia emana uma esperança necessária. É também ativa e racional na convicção de um futuro aguardado sob perspectiva do presente, permitindo a transformação dos anseios em realidade.

Na poesia de Agostinho Neto e Xanana Gusmão o ofício de escrever não está apartado da realidade em que estão inseridos. É clara a posição de ambos, em acordo com as orientações revolucionárias de Frantz Fanon, no uso da violência emancipatória. Conscientes que somente a luta armada fundamentava o objetivo da liberdade a ser atingido, este discurso caracterizou suas produções poéticas. Combateram em duas frentes: enquanto líderes revolucionários, comprometidos com o futuro e poetas engajados, buscando a sensibilização da consciência do leitor, para a construção e desenvolvimento de um espaço social livre e justo.

## **Língua portuguesa e resistência**

A resistência constituiu um movimento que orientou o desenvolvimento da língua e da literatura durante o processo de

descolonização portuguesa em Angola e a ocupação indonésia em Timor-Leste. Tanto na veiculação do português, quanto na formação e progressão de uma escrita literária engajada no processo de independência. O contexto de luta gerou a necessidade de manifestar o desejo de liberdade dos povos, fazendo surgir escritores, porta-vozes de uma nova realidade de atos. Deste modo, a resistência, no que implica à produção literária, foi realizada de duas maneiras conexas, se desenvolveu como o principal tema e esteve presente no processo inerente à escrita.

A linguagem dos poemas de Agostinho Neto e Xanana Gusmão, expressos em português, demonstra nitidamente o nível de engajamento de cada um deles à causa dos oprimidos. Atualmente oficial em Angola e Timor-Leste, a língua portuguesa foi imposta pelo processo de colonização e veiculou como formas de resistências específicas, determinadas por condições históricas e políticas diferenciadas.

Os poemas de Agostinho Neto, apresentam aspectos dos falares angolanos. Trazem expressões da realidade social que afirmam uma autonomia fundamentada na ação revolucionária do movimento popular, liderança política e organização social. Condições que caminharam em direção à mudança, à libertação independentista. Uma poesia que expõe as ânsias do povo dos musseques e valoriza o meio ambiente, que estiveram “presentes em cada pensamento, em cada palavra ou frase escrita” (Neto, 1980, p. 28), a conscientizar do “caráter eminentemente patriótico e com preocupações sociais” (Neto, 1980, p. 31).

Já em Timor-Leste, a língua do antigo colonizador tornou-se instrumento de expressão libertária contra o genocídio físico e cultural promovido pela ditadura indonésia. Os poemas de Xanana significaram uma arma perspicaz contra o invasor, dentro de uma delicada situação linguística que contou com a proibição da língua portuguesa durante 24 anos. Mais do que emblema da resistência do povo timorense, a atividade poética em língua portuguesa

constituiu uma manifestação simbólica que enredou fatores que diferenciaram Timor-Leste dos países vizinhos, sobretudo do seu maior alçoz.

Na composição dos seus poemas, Agostinho Neto e Xanana Gusmão utilizaram uma língua que lançou âncoras em distantes portos. Herança do colonizador, o português não parou na época da colonização, pois, pelo processo de descolonização, se transformou. Tanto em Angola quanto em Timor-Leste, foi veículo de politização, permitiu revoluções e atualmente compõe uma história própria, seguindo outros direcionamentos. As relações estabelecidas com outras culturas ao longo do tempo, lhe confere riquezas e singularidades, criando espaços de possibilidades e solidariedades.

### **Breves considerações finais**

Vivenciando cada qual uma situação específica e localizados no contexto prisional, Agostinho Neto e Xanana Gusmão revelaram as reais intenções dos ideais promovidos pelos seus opressores, tanto no contexto da colonização portuguesa, quanto da invasão indonésia. Mais do que testemunhas, não só por certificarem os acontecimentos, mas responderem a eles, os dois autores são também agentes históricos, que contribuíram com o registro da face social de toda uma geração.

Passionalmente empenhados com a mudança da realidade, fizeram da resistência, uma luz que ilumina o sujeito no seu contexto existencial, histórico e social. Assim, negaram o isolamento a reverberar uma poética que afirmou-se não como simples necessidade estética, e sim, um estímulo de consciência, a aspirar à liberdade dos seus, comprometidos com suas gentes e seus sentimentos mais profundos.

Agostinho Neto e Xanana Gusmão fizeram do ofício poético um método de libertação interior, capaz de transformar: revelar

este mundo e criar outro “em comum e ao qual todos temos direito e dele somos herdeiros” (Mbembe, 2014, p. 272).

## Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Imaginar Timor Leste*. Tradução de Osvaldo Manuel Silvestre, Lisboa. Ciberkiosk, Arena Magazine, 1993. Disponível em: <http://www.udc.es/dep/lx/cac/sopirrait>. Acesso em: 05 novembro 2015.

BURNES, Donald. *Agostinho Neto e a poesia de combate*. In.: Laranjeira, Pires; Rocha, Ana T. A noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014.

CHABAL, Patrick. *O contexto político e cultural da poesia de Agostinho Neto*. In.: Laranjeira, Pires; Rocha, Ana T. A noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014.

COUTO, Mia. *Prefácio – O verso e o universo*. In.: GUSMÃO, Xanana. *Mar Meu/Myseaof Timor*. Porto: Granito, Editores e Livreiros, Lda. 1998.

DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Bauru: EDUSC, 2002.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Lisboa: 3ª Ed. Livraria Letra Livre, 2015.

FUNDAÇÃO AGOSTINHO NETO. Site: <http://www.agostinhoneto.org>

GUSMÃO, Xanana. *Mar Meu/Myseaof Timor*. Porto: Granito, 1998.

LARANJEIRA, Pires. *A poesia de Agostinho Neto como documento histórico*. In.: Laranjeira, Pires; Rocha, Ana T. A noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, p. 155-162, 2014a.

LARANJEIRA, Pires. *Novo Paradigma negro-africano*. In.: Laranjeira, Pires; Rocha, Ana T. A noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, p. 163-170, 2014b.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

NETO, AGOSTINHO. 1980. ... *Ainda o Meu Sonho...* *Discursos sobre a Cultura*

*Nacional*. Lisboa: Edições 70.

OMOTESO, Ebenezer Adedeji. *Neto e Senghor sobre a opressão e a exploração colonial*. In.: Laranjeira, Pires; Rocha, Ana T. A noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, p. 467-482, 2014.

SAID, Edward W. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2003.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## Notas

<sup>2</sup> De acordo com Donald Burness, “Mesmo que alguns intelectuais angolanos tenham escolhido viver na Europa durante os 13 anos de guerra, Neto continuou na sua terra natal, organizando a resistência ao domínio português. Além disso, Neto não se isolou das grandes massas de angolanos que viviam fora dos centros urbanos (...) Para Agostinho Neto a sua vida apenas tem significado em conjugação com as vidas dos povos oprimidos de Angola” (2014, p. 225).

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&id=561:desterro](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&id=561:desterro). Último acesso: 02/07/2018.

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=567:o-choro-de-africa&catid=45:sagrada-esperanca&Itemid=233](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=567:o-choro-de-africa&catid=45:sagrada-esperanca&Itemid=233). Último acesso: 05/07/2018.

<sup>5</sup> A respeito de arte e política, no que condiz com a literatura engajada, Denis nos esclarece que “designa uma prática literária estreitamente associada à política, aos debates gerados por ela e aos combates que ela implica (um escritor engajado, seria em resumo um autor que “faz política” nos seus livros) (2002, p. 18).

<sup>6</sup> Palavras proferidas na sessão solene da proclamação da União dos Escritores Angolanos, a 10 de dezembro de 1975.

<sup>7</sup> Gusmão, Xanana. 1998. *Mar Meu/Myseaof Timor*. Porto: Granito, p. 98.

<sup>8</sup> Benedict Anderson (1993) designa a expressão “Educação-Repressão-Desenvolvimento” ao argumentar sobre a posição de métodos extremistas de domínio que foram usados em Timor Leste após a invasão de 1975. A vasta escala de violência usada, o uso de bombardeamentos aéreos, o uso de napalm sobre aldeias, o arrebatar sistemático de populações em campos de acantonamento, o que tudo conduziu às terríveis fomes de 1977-80.

<sup>9</sup> Gusmão, Xanana. 1998. *Mar Meu/Myseaof Timor*. Porto, Granito, p. 12.